

## MIRÍADES IDENTITÁRIAS DE *MONGÓLIA*

Mestranda em Letras (PUC-Rio) - Vanessa Ribeiro Ferreira<sup>1</sup>

A partir da segunda metade do século XX, o Ocidente passou por grandes transformações. Começa a se delinear nesse período um novo momento histórico-cultural marcado pelo desenvolvimento econômico, tecnológico e por novas tendências artísticas.

O espaço pós-moderno é multidimensional, fragmentado e fragmentário, faz emergir e coexistir formas distintas de comunicação com configurações diferentes, assim como provoca mudanças nos indivíduos, em seus modos de relacionamento e na visão que têm de si e do mundo. Ao estudar a questão dos da individualidade moderna e pós-moderna, a pesquisadora Diana Damasceno cita Mike Michel apontando para diferenças entre essas duas constituições identitárias:

(...) algumas das características que distanciam a configuração do indivíduo moderno do suposto indivíduo pós-moderno: o primeiro se caracterizaria, nesse sentido, como autocontrolado, unitário, discreto, ordenado, orientado para reflexão, linguagem e representação, enquanto o outro apresentaria descontrole, descentramento, multiplicidade e transgressão, sendo orientado pela imagem e simulação. (2002: 30)

Diferenciar o indivíduo moderno e o indivíduo pós-moderno é poder identificar a passagem de uma construção identitária inteiriça, linear para uma construção fragmentada, múltipla. Mais do que isso é mapear a mudança de todo o cenário político, econômico e cultural no qual essas individualidades emergem e se constituem.

Em meio a estas transformações a visão de identidade fixa que imperou durante muito tempo nos estudos de psicologia e psicanálise é flexionalizada. Os estudos psicológicos passam a considerar influências sócio-culturais na construção de subjetividade humana.

Atores de espaços múltiplos, os indivíduos pós-modernos têm a subjetividade construída a partir de relações e processos sociais em que estão inseridos.

R. D. Laing analisa o processo de formação da identidade a partir de uma concepção interacional. O indivíduo, como objeto de estudo isolado é substituído por um estudo que valoriza o processo de constituição de identidade em uma concepção diática.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Departamento de Letras – letras@let.puc-rio.br

Entender como o self pós-moderno se constitui é uma tentativa de entender como as modificações na concepção de identidade alteram e contribuem para o aumento de complexidade do espaço ficcional contemporâneo quando se diz respeito à estrutura narrativa.

A nossa pesquisa pretende demonstrar a teoria de Laing e aplicá-la na análise do livro *Mongólia* de Bernardo Carvalho, publicado em 2003, com a intenção de comprovar esse aumento da complexidade das narrativas pós-modernas.

## I – MIRÍADES IDENTITÁRIAS

A humanidade é uma miríade de superfícies refratoras colorindo o branco esplendor da eternidade. Cada superfície refrata a refração das refrações das refrações. Cada si mesmo (*Self*) refrata as refrações das refrações dos outros das refrações de si mesmo das refrações dos outros... (LAING: 1966, 11)

O autor propõe que a identidade humana é fruto de um processo cultural, ou melhor, é resultado da interação social a que são submetidos. Para desenvolver seu argumento ele recorre a uma construção diacrônica do conhecimento nas ciências humanas, em especial a filosofia e a psicologia, para exemplificar como essas ciências estavam voltadas para estudos em torno do “eu” e não atribuíam importância ao “você” (Idem).

Ele demarca o início da mudança dessa concepção a partir dos estudos de Feuerbach, filósofo do século XIX, identificando uma orientação da filosofia em torno do “eu”. Laing afirma que a vida social não é constituída apenas do “eu” mas “também de você, ele, ela, nós e eles” e constata que “a experiência do você, dele ou deles ou a do nós certamente pode ser tão primordial e decisiva como a experiência do “eu””. O teórico demonstra a necessidade de entendimento da constituição do indivíduo a partir de sua relação como o outro, ou seja, a partir da necessidade de perceber que o “eu” não é “o único perceptor e agente do mundo”. Assim, esses outros são “eus que interagem uns com os outros e possuem efeitos racionais em nossa construção identitária” (Ibidem).

Esse mecanismo de interação é um processo de intersubjetividade e pode ser comprovado com a existência em alguns idiomas de vários pronomes pessoais entendidos pelo estudioso como “refrações que a pessoa sofre conforme ela vai sendo vista a partir de diferentes perspectivas pessoais” (LAING: 1966, 12).

A partir dessa concepção, o estudioso desenvolve o conceito de metaperspectivas definido por ele como a “visão da visão que o outro tem (você, ele, ela, elas) de mim”. Essa visão da visão que o outro tem de mim é na verdade a suposição que eu faço sobre a visão que os outros têm de mim, de maneira que atitudes, opiniões e necessidades definem a atuação do eu. Então, nesse contexto, as refrações que constituem as identidades estão estabelecidas

O que se percebe como identidade é a refração média das várias refrações do outro.

Minha identidade sofre múltiplas metamorfoses ou alterações, e no conceito dos outros eu me transformo nos outros. (...) Essas alterações na minha identidade, conforme eu me torno outro para você, outro para ele, outro para ela e outro ainda para eles, são re-interiorizadas por mim para transformarem-se em meta-identidades multifacetadas (LAING: 1966, 12-13)

Laing propõe que nossas “auto-identidades” (a visão que temos de nós mesmos) são constituídas a partir de um processo de complementaridade, ou seja, a auto-identidade de um indivíduo é constantemente alterada por sua meta-identidade (a visão que nós temos sobre a visão do outro sobre nós).

O conceito de complementaridade fica mais evidente quando observamos a circulação do indivíduo pós-moderno, que convive em esferas diferentes e conseqüentemente com múltiplas construções de metaperspectivas. O indivíduo contemporâneo transita em muitas esferas públicas e privadas e constrói-se fragmentado com identidades ou interfaces geradas a partir dos diferentes tipos de interação.

Assim sendo, o ego (si mesmo) e o alter (outro) interagem na construção tanto de um como o outro. A perspectiva (visão que se tem de si mesmo) pode ser constantemente alterada pela metaperspectiva do outro sobre nós. Laing descreve como essa interação pode gerar uma espiral de perspectivas recíprocas e alterar comportamentos.

A produção de bens culturais nesse contexto constitui-se em terreno híbrido. Dentro do espaço literário, esse complexo processo de construção de identidades aparece como reflexo das relações intersubjetivas as quais o indivíduo é submetido. No meio da espiral das perspectivas recíprocas o produtor de literatura contemporânea transporta para a ficção a complexidade das relações humanas.

Na narrativa que escolhemos como objeto de estudo, a construção e transformação de metaperspectivas entre os narradores parecem conduzi-la de maneira que ela se torna muito semelhante a um labirinto de pensamentos e ações dando origem a uma estrutura narrativa fragmentada. Estamos falando de *Mongólia*.

Publicada em 2003, a obra de Bernardo Carvalho mistura vários gêneros textuais, o principal deles, e o que permite um elevado grau de construção identitária complementar, é o diário.

*Mongólia* apresenta um enredo que se constrói a partir da narrativa sobre a procura de um brasileiro desaparecido na Mongólia, essa narrativa se constitui enquanto pano de fundo para a narrativa sobre a morte de um diplomata brasileiro assassinado por traficantes no Rio de Janeiro. Em um terceiro nível, pode-se identificar a narrativa sobre um diplomata aposentado que parece estar em um processo de autoconhecimento. Essa curiosa construção literária possibilita a coexistência de vários narradores que constroem suas respectivas narrativas a partir do discurso uns dos outros. Esse processo, que se

assemelha a uma espiral, parece surgir a partir da tentativa de construção de identidade(s) e de metaperspectivas. O complexo narrativo de *Mongólia* é deflagrado pela leitura do diário do Ocidental, no qual se encontra a leitura dos diários do desaparecido.

O primeiro aspecto a ser analisado quanto à questão identitária é o fato dos personagens não possuírem nomes que lhe possam atribuir caráter de individualidade. Todos são denominados por substantivos que remetem a sua profissão – o diplomata –, a sua origem – o Ocidental – e sua condição – o desaparecido. São esses três personagens, sem a marca primeira de individualidade, que, através de seus relatos pessoais, constroem um processo de alteração de metaperspectivas.

O Ocidental é o elo entre o diplomata e o desaparecido na medida que ele se constituirá como leitor deste, e como narrador-testemunha da procura pelo brasileiro desaparecido escreverá seu próprio diário, que será lido pelo diplomata.

Na realidade estamos falando de formação e alteração de metaperspectivas a partir de um processo de interação entre texto e leitor. Esse tipo de interação que ocorre entre os personagens do livro é descrita por Wolfgang Iser: “Como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Essa influência recíproca é descrita como interação.” (ISER: 1979, 83)

O tipo de interação descrita pelo teórico pressupõe a experiência estética. A interação que ocorre no livro é uma procura por entendimento ou de construção de identidades, e não necessariamente pressupõe a experiência estética. Mesmo não havendo interação pela fruição, a interação entre texto e leitor em *Mongólia* ocorre pelo o que Iser chama de influência recíproca.

O diplomata, narrador que parece organizar os outros discursos, ao se reportar à memória, diz em relação ao Ocidental: “É preciso entender que a sua e a sua volatilidade me parecem um capricho neurótico” (CARVALHO: 2003, 15)<sup>2</sup>. Pensar sobre o que o outro pensava sobre ele causou incômodo no diplomata. Aqui fica evidente que um está sempre a pensar sobre o que o outro pensa que ele pensa, ou seja, o processo identificado por Laing também aparece na relação entre os personagens do espaço literário. Não estamos dizendo que esse tipo de relação não existia na literatura até então, o que estamos pretendo dizer é que no espaço representativo contemporâneo essa interação diática enquanto processo formador de identidades é mais acentuado, chegando a ponto de alterar a estrutura narrativa.

A consciência de como o “eu” é visto pelo outro aparece em vários momentos da narrativa de *Mongólia*.

Nos relatos do Ocidental essa consciência fica explícita: “Tenho a impressão – e já posso ouvi-la me chamar de equivocado e preconceituoso” (CARVALHO: 2003, 22).

O mesmo processo estabelecido entre o diplomata e o Ocidental, acontece entre este e o desaparecido. Agora com posturas invertidas. O Ocidental enquanto objeto de análise do diplomata, passa a constituir um diálogo com os diários do desaparecido na intenção de descobrir o que teria acontecido com ele. Assim, o processo de construção de identidades tem novamente início.

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

É interessante mostrar esse processo de formação e alteração de metaperspectivas para entender como um narrador dá origem a outro, e, conseqüentemente, à narrativas que parecem surgir desse processo. Como se houvesse um narrador dentro do outro, uma narrativa dentro da outra. Esse aspecto pode ser percebido pela coexistência de dois narradores em um mesmo parágrafo.

Na saída do cibercafé, pela primeira vez o Ocidental notou, pendurada na entrada de uma ruela lateral, uma faixa indicando os horários da Galeria de Arte Moderna nos salões semi-abandonados do Ministério da Cultura. Não se conteve de curiosidade e foi até lá. *Pra mim, é a confirmação que faltava de que a arte moderna é uma invenção ocidental que mal se adapta a estas paragens* (CARVALHO: 2003, 102).

O que distingue a fala de um ou outro narrador é a configuração das letras, como vemos no fragmento acima. Assim, a tarefa do leitor é a de um construtor de narrativas, ele tem que ‘juntar’ os pedaços do quebra cabeça para conseguir formar uma unidade narrativa mais ou menos estável. Não é raro o leitor ter que voltar algumas páginas para conseguir entender quem está falando. Assim, o efeito produzido pelo autor obriga o leitor a fazer uma leitura mais atenta.

Mesmo havendo a possibilidade de distinção das vozes narrativas, o ambiente polifônico confunde o leitor e aumenta o grau de complexidade da narrativa.

Além da voz do diplomata, do Ocidental e do desaparecido os fragmentos de falas dos guias surgem em meio às outras vozes. É um tipo de discurso que parece se multiplicar de forma desordenada. É um discurso que passa por um processo de auto-reprodução.

O conceito de auto-poiésis aplicado aos estudos de literatura foi desenvolvido pelo teórico da literatura Siegfried J. Schmidt que propõe, na década de oitenta, uma nova forma de entendimento/estudo da literatura. Ele definirá literatura como um sistema social de ações que focalizam fenômenos literários e não apenas textos.

Schmidt opõe-se à perspectiva construtivista pautada em esquemas dualistas, por exemplo: realidade/ficção, sujeito/objeto e indivíduo/sociedade. Propõe que os estudos da ciência da literatura abandonem o conceito de empiria positivista e que se adote uma concepção de ciência da literatura “mais variável e complexa aceitando modelos de argumentação racional dotados de sentido” (SCHMIDT: 1989, 55)

A fundamentação teórica de sua proposta encontra-se basicamente nos estudos do cientista U. R. Maturana e do cientista social Niklas Luhmann.

Umberto Maturana, biólogo chileno, é o autor da teoria dos sistemas auto-poiéticos, na qual ele descreve o processo de reprodução celular como um processo autônomo e auto-referencial.

Para Schmidt, “As hipóteses mais importantes da teoria são (...) que os sistemas auto-poiéticos são auto-reprodutivos, autônomos, estruturalmente determinados, auto-referenciais e operacionalmente fechados”. (Idem, 56)

Na elaboração de seu estudo, o teórico fundamenta-se também com os argumentos de N. Luhmann, segundo o qual a sociedade é constituída de sistemas - o sistema literário seria um deles. Para Schmidt, sendo o sistema literário um elemento do sistema da sociedade, ele só pode ser compreendido “em função da relação sistemática com outros sistemas de ação de uma sociedade e do seu respectivo estágio de desenvolvimento histórico”. (Ibidem, 62) Nesse contexto, os sistemas encontrados na sociedade são auto-reguladores e autônomos, tendo como forma de desenvolvimento a co-evolução.

Sendo o sistema literário auto-regulador, como afirma o teórico, não seria incompreensível considerar suas células como tendo também a capacidade auto-reguladora e auto-reprodutiva. Consideramos que as narrativas literárias também possuem essa capacidade auto-reguladora e auto-reprodutiva.

O texto de *Mongólia* parece funcionar de maneira auto-sistêmica, de forma que discursos geram discursos, narrativas geram narrativas. Como no brinquedo chinês em que sempre há mais uma caixa a ser aberta, as narrativas da obra em estudo parecem surgir umas de dentro da outra, criando um abismo que transforma o leitor em um observador de quarto grau. O signo literário aponta para ele mesmo.

## II – Conclusão

Atores de espaços múltiplos, os indivíduos pós-modernos têm a subjetividade construída a partir das relações e processos sociais em que estão inseridos. Não há unidade evidente de pessoa. O *self* pós-moderno constitui-se a partir da “visão que ele tem de si mesmo e da visão que ele pensa que os outros têm dele” construindo múltiplas metaperspectivas que atuarão como elemento de fragmentação das identidades pós-modernas. (2002: 30).

Oscilantes, descentralizadas, as identidades pós-modernas passeiam pelo campo do hibridismo e encontram a existência identitária em um comportamento tribal.

Em *Mongólia*, a oscilação de identidades aparece em vários níveis. Os personagens-narradores das narrativas são designados por denominação profissional, geográfica e situacional. Ao não possuir um nome, marca de individualidade, os personagens perdem contorno e assumem qualquer interpretação de identidade que se queira. Assim, o Diplomata tenta encontrar-se no discurso do Ocidental que se reconhece nos escritos do Desaparecido, nômade em si e no mundo.

O processo de interação diática entre os narradores de *Mongólia* contribui para um significativo aumento de complexidade da narrativa na medida em que é através desse processo que a fragmentação narrativa se acentua. Assim, a interação entre o ego e o alter é o que permite as conexões entre as narrativas – a do diplomata, a do Ocidental e a do desaparecido. Esse processo de construção narrativa obriga o leitor a se comportar como se estivesse entrando em um labirinto, sempre a entender a continuidade de cada caminho, as conexões para descobrir a saída, significar a história.

O texto de *Mongólia* apresenta vários aspectos singulares. A mistura de gêneros textuais, a existência de três narradores, várias narrativas e alguns recursos importados de gêneros audiovisuais como o documentário. Acreditamos que as mudanças na concepção da subjetividade humana, a constante alteração e construção de metaperspectivas descritas neste trabalho contribuíram para o aumento de complexidade da(s) narrativa(s) de *Mongólia*.

## Referências bibliográficas

CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor In.: COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83- 103.

LAING, R. D. “Identidade complementar” e “A aspiral das perspectivas recíprocas” In: *O eu e os outros*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAING, R. D., H Phillipson e A. R. Lee. “O Si mesmo (self) e o outro” In.: *Percepção interpessoal*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1966.

SCHMIDT, Siegfried J. “Do texto ao sistema literário. Esboço de uma ciência da literatura construtivista,” In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.) *Ciência da literatura empírica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.